

Paz, uma utopia realizável

Por Roberto Crema, reitor da Unipaz

Jogo a garrafa ao mar.

Quem a encontrar que apanhe a mensagem nela contida, e, se quiser e achar oportuno e viável, beneficie a si mesmo e a própria humanidade. É esse o meu último voto.

(PIERRE WEIL, 1924-2008).

Uma simbólica trindade de letras e um desafio para todos os passos na trilha da existência: PAZ.

Pax, em latim, segundo uma opinião geral, designa um estado de tranquilidade, de calma e de ausência de agitação, de perturbação e de conflito. Converte-se com *hêsychia*, em grego, raiz da palavra Hesicasmo, uma linhagem do cristianismo original. Entretanto, precisamos mergulhar além do pensamento binário do senso comum, rumo aos meandros paradoxais envolvidos nos sentidos e nas experiências contidas no interior desta palavra tão imperiosa nos tempos de desabamentos e de florescimentos que estamos velejando, ao sabor de ventanias e de melodias, neste alvorecer numinoso do terceiro milênio.

Algumas abordagens da filosofia ocidental focalizam o tema da paz, através de óticas diversas, geralmente considerando-o como um estado oposto ao da guerra. Thomas Hobbes considerava o ser humano violento por natureza, vivendo num estado permanente de conflito, *homo homini lupis*. A existência de um contrato social, neste enfoque, torna-se imprescindível, para que alguma harmonia seja possível. Por outro lado, o filósofo do Iluminismo, Jean-Jacques Rousseau, que sustentava o mito do bom selvagem, considerava a guerra essencialmente uma realidade social e política - jamais como um estado natural. Em outras palavras, a belicosidade seria o sintoma de uma perversão causada por uma sociedade cultivadora de necessidades supérfluas e irreais, que nos tornam miseráveis, sobretudo pela arraigada rivalidade em torno da propriedade.

A concepção de Hobbes refere-se ao postulado de uma antropologia polemológica - do grego *polemos*, que significa guerra -, afirmando um primado desta sobre a paz. Enquanto a de Rousseau diz respeito a uma antropologia irenista - do grego *eirene*, uma divindade mitológica que simboliza a paz, que afirma o primado desta sobre a guerra.

O paradigmático Emmanuel Kant, herdeiro da concepção de Hobbes, no seu texto clássico, *Rumo à paz perpétua*, afirma que, entre os seres humanos, o estado da guerra é natural e que, por esta razão, torna-se necessário que o estado da paz seja instituído. Para Kant, a paz deve ser

estabelecida juridicamente, através de certo número de princípios destinados a criar a possibilidade voluntária de uma paz permanente, além de uma simples cessação provisória das hostilidades naturais humanas. De maneira paradoxal, a abordagem kantiana indica que a guerra pode ser um mal necessário e, mesmo, um prelúdio à paz, em função da dialética histórica entre o bem e o mal: o bem procede do mal como a paz se origina da guerra, sem que, por esta razão, o mal e a guerra sejam justificados. Eis o paradoxo: exercitando a guerra o ser humano busca a vitória, ou seja, a paz.

A dialética entre estes dois conceitos foi formulada, há milênios, através da filosofia perene de Heráclito de Éfeso, que afirmava a indissociabilidade entre a guerra e a paz. Para este notável filósofo da transmutação, nem a paz e nem a guerra são fenômenos puros e dissociados, já que formam uma união viva, segundo o princípio da unidade dos contrários e a harmonia dos opostos, como a do arco e da lira.

Num movimento convergente, a sabedoria ancestral chinesa, através do seu clássico I Ching, aponta na mesma direção. Considerado o mais antigo texto chinês entre as obras de Confúcio com influência taoísta, sustenta-se na visão da interpenetração dos contrários, contida no vasto e insondável símbolo do Tao. Este tratado singular de sabedoria investiga os mecanismos cósmicos, sobre a base do jogo do Yin e do Yang, nos fundamentos de uma perene mutação: não há o que passa, não há quem passa; só há passagem. É instigante constatar que o hexagrama da Paz do I CHING, número 11, consiste no princípio do céu, Yang, sustentando o princípio da terra, Yin. O seu oposto, o hexagrama número 12, indica uma inversão: o princípio da terra sustentando o princípio do céu. O seu nome, contrariando a expectativa da mente binária, não é nem guerra, nem conflito: é estagnação.

Este preceito de sabedoria esclarece que nós perdemos a paz e a saúde, onde há uma interdição do processo, um congelamento do devir, uma esclerose da dinâmica. A imagem de uma poça d'água estagnada ilustra, com eloquência, esta concepção: basta observar a sua degradação, a sua toxidez e periculosidade – tão diversa da água corrente e límpida de um riacho ou uma cachoeira...

Nesta visão aberta e acolhedora da sabedoria do paradoxo, paz não é mera ausência de tensão e de conflito. Como afirma o poeta, quantas guerras eu terei que viver por um pouco de paz?... A paz, como a saúde, é uma função da consciência do fluxo, do devir, de uma entrega ao processo infindo do kairós do Agora. O seu oposto é um estado de paralisia do movimento, de petrificação do vir-a-ser, de asfixia do Processo e surdez ao Instante, causada pela ilusão do passado e pela ficção do futuro.

Os artesãos da paz, portanto, são militantes e guerreiros do bom combate, seres humanos que ficam de pé e seguem adiante, transgredindo a estagnação típica da normose – patologia da normalidade –, com as armas da consciência, a espada do discernimento, a infantaria do amor e o batalhão da fraternidade e do serviço. Nunca é demais lembrar que a palavra japonesa samurai, na sua acepção original, significa aquele que serve, ou seja, servidor da paz.

Por outro lado, o humano é um ser inacabado. Esta concepção remonta a Confúcio, que falava da nobreza humana como produto de uma tarefa educativa que visa ao aperfeiçoamento e uma maior completude. Na abordagem confuciana, a originalidade humana é a de ser educável, sendo que as virtudes do belo, do bom e do bem se encarnam no ideal do nobre, a pessoa que se educa e se desenvolve na direção da sua plena realização. O que nos diferencia dos demais reinos é que não nascemos humanos; nós nos fazemos humanos, através de um investimento disciplinado e resiliente no potencial de uma plenitude possível, na ousadia e disciplina do passo nosso de cada dia em trilhas com coração. Como afirma o belo lema do Bildungsroman do romantismo alemão, "Torne-se quem você é!"

O eminente educador brasileiro, Paulo Freire, através da sua visão crítica e emancipadora de

uma pedagogia do oprimido, sempre insistiu no fato incontornável do inacabamento humano. Para Freire, a razão de ser da educação reside na nossa condição de incompletude, que solicita um processo pedagógico centrado no encontro, no diálogo e na problematização, para que uma pessoa possa ler e pronunciar o mundo na condição de protagonista, evoluindo da condição de objeto para a de sujeito da própria existência.

Em total convergência, em hebraico, a palavra que designa paz, shalom, deriva da mesma raiz de shalem, que significa inteireza – como o termo holístico, derivado do grego holos, significa totalidade. Já no idioma inglês, a expressão whole – inteiro; total – se origina da mesma raiz de holy, que significa sagrado. Assim, as virtudes complementares da paz, da saúde e da plenitude implicam, por um lado, na força dinâmica do processo, do vir-a-ser e, por outro, na conquista da consciência de inteireza, já que tudo que é inteiro é belo, é justo, é saudável, é pacífico e é sagrado. Neste sentido, a paz é uma consequência natural de certa integridade lograda, de um mínimo de completude conquistada, de uma integridade em movimento. Enfim, paz é integração entre a terra e o céu, entre o imanente e o transcendente, entre a razão e o coração, entre a sensação e a intuição, entre o pessoal e o transpessoal, entre a matéria e a Luz...

Necessitamos, com premência, de uma educação para a paz, que nos liberte do fardo da estagnação típica de uma normose da pequenez, do desencontro e de uma distração crônica, para vincular-nos a uma Ecologia da Presença, despertar para o Agora, templo do Encontro. E que também nos propicie um solo fértil, para que o potencial humano de inteireza e de plenitude floresça, abrindo espaço para a emergência de uma humanidade mais digna, sábia, amorosa e íntegra, reconciliada nas dimensões do saber e do Ser.

A Universidade Internacional da Paz, UNIPAZ, por meio da sua teoria fundamental, alicerçada no paradigma transdisciplinar holístico, há mais de três décadas desenvolve, de forma ousada e inovadora, uma Escola Superior de Paz, o sonho do nosso saudoso e perene Samurai da Paz, Pierre Weil. Esta é a mensagem contida na garrafa que ele lançou ao mar, após ter dedicado toda sua existência e obra a uma promessa feita na sua adolescência, de desenvolver uma educação que lance pontes sobre todas as fronteiras que dissociam, fragmentam e dilaceram a humanidade. Um sonho plenamente realizado, transmutado em Obra Prima, que se irradiou por todo o Brasil e vai se difundindo mundos afora, consciências adentro.

“Tudo que não regenera, degenera”, afirma o filósofo da complexidade, Edgar Morin. Esclarecer para não esclerosar, ousar para não findar. Que nosso mutirão por uma cultura da paz, alicerçado no desafio de uma educação holística e de um cuidado integral, siga tocando mentes sensíveis e corações abertos. Trata-se de fomentar uma massa crítica consciencial para um salto evolutivo rumo à tarefa premente de regeneração do ser humano, essa terra prometida, espaço de Aliança entre todos os Reinos, onde o Universo pode se saborear, a canção da paz ressoar e a poesia da Vida nos embriagar. Em marcha!

A UNIPAZ

Tem por finalidade essencial contribuir para o despertar de uma nova consciência, alicerçada na visão do todo. Formada pela Universidade Internacional da Paz e a Fundação Cidade da Paz.

A Universidade Internacional da Paz é:

- Lugar para descoberta do nosso propósito de ser e existir no mundo
- Centro de pesquisa de questões essenciais à vida
- Espaço de encontro entre oriente e ocidente
- Incentivo às universidades para reencontrar a sua uni-diversidade
- Proposta de solução para a crise de fragmentação
- Centro de Educação da Arte de Viver em Paz
- Local de retiro e encontro de tradições espirituais vivas
- Centro de desenvolvimento de uma cultura da Paz e de preservação de aspectos pacíficos e integrativos da cultura brasileira
- Estímulo para um viver pleno e consciente
- A terceira Universidade da Paz criada por entidade não governamental

A Fundação Cidade da Paz é:

- Um organismo não governamental
- Uma instituição reconhecida como de utilidade pública
- Criada para manter e administrar a Universidade Internacional da Paz (Unipaz)

A Cidade da Paz é:

- Título dado a Brasília pelo Conselho Mundial da Paz de Helsinki.

Unipaz – unidade na diversidade:

A Unipaz realiza suas atividades por meio de diversas unidades sob a forma de Associações e Núcleos: Unidade Portugal, Unidade DF, Unidade GO, Unidade MG, Unidade PR, Unidade PE,

Unidade RJ, Unidade SC, Unidade SP, Unidade Baixada Santista (SP), Núcleo Aracaju (SE), Núcleo Boa Vista do Sul (RS), Núcleo Chapecó (SC), Núcleo Fortaleza (CE), Núcleo Palmas (TO), Núcleo Poços de Caldas (SP), Núcleo Porto Velho (RO), Núcleo Salvador (BA), Núcleo Uberlândia (MG), Núcleo Vitória (ES).

Missão e princípios éticos da Unipaz:

Propiciar a pessoas condições para que encontrem caminhos que lhes permitam, através do despertar da consciência da paz, vivenciar o amor, a sabedoria e a ética, indissociáveis, inerentes a todos os seres.

I – Inteira:

- Atentar à utilização da terminologia holística (do grego holos: inteiro). O novo paradigma contempla uma visão na qual o todo-e-as-partes estão sinergeticamente em inter-relações dinâmicas, constantes e paradoxais.
- Cultivar discernimento, tolerância, respeito, alegria, simplicidade e clareza nos encontros entre representantes das Ciências, Filosofias, Artes e Tradições Espirituais, qualidades inerentes à abordagem transdisciplinar holística.
- Focalizar com abertura e exame crítico a complementaridade e a contradição na consideração do relativo e do absoluto, da vida quantitativa e da qualitativa, a serviço da vida, do ser humano e da evolução.

II – Inclusividade:

- Respeitar as diferentes áreas do conhecimento humano e suas singularidades.
- Reconhecer e acolher cada ser e cada cultura como manifestações da realidade plena.
- Corresponder ao fato de que o produto de toda criatividade não tem, em última instância, nenhum proprietário, honrando, contudo, os autores individuais e coletivos.

III – Plenitude:

- Solidarizar com o outro na satisfação de suas necessidades de sobrevivência e transcendência.
- Colaborar com o outro na preservação do bem comum e na convivência harmoniosa com a natureza.
- Buscar um ideal de sabedoria indissociado da dimensão do amor e do serviço.